

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

RUTE VARELA COSTA

FABIANO E CHICO BENTO: DOIS PERSONAGENS EM EXCLUSÃO

Mossoró
2021

RUTE VARELA COSTA

FABIANO E CHICO BENTO: DOIS PERSONAGENS EM EXCLUSÃO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.

Mossoró
2021

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

V293f

Varela Costa, Rute

Fabiano e Chico Bento: dois personagens em exclusão. / Rute
Varela Costa. - Mossoró/RN, 2021.

29p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas). I. Medeiros da Silva, Marcos Vinicius. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

RUTE VARELA COSTA

FABIANO E CHICO BENTO: DOIS PERSONAGENS EM EXCLUSÃO

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva - UERN
Orientadora

Prof. Me. Aluísio Barros de Oliveira - UERN
Examinador

Prof^a. Dra. Leila Maria de Araújo Tabosa - UERN
Examinadora

Dedico à minha irmã, Geyce Varela, que é
o amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À “tia” Selma, professora que me alfabetizou em 2001 numa escola humilde e aconchegante na cidade de Serra do Mel.

À minha família que é meu porto seguro, acalento e afeto em dias tão turbulentos.

Aos meus amigos por serem anjos aqui na terra e cuidarem tão bem de mim como se eu fosse uma irmã mais nova.

A todos os professores da graduação que contribuíram de forma direta e indiretamente no meu processo formativo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Vinicius por toda paciência e gentileza, e por caminhar comigo durante este trabalho.

A Deus por demonstrar sempre o pai zeloso e cuidadoso que És. *Soli deo gloria.*

“Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!”

(Rachel de Queiroz)

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal analisar de modo comparativo duas obras da literatura brasileira, a saber: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Para isso, selecionamos dois personagens: Fabiano e Chico Bento, que sofrem com a exclusão social, a violência, a miséria, a morte, a migração e a seca. Nesse sentido, propomo-nos observar de que forma os autores constroem esses personagens e de que maneira as narrativas expõem a realidade social em que eles estão inseridos. Além disso, a investigação analisará os impactos do Romance de 30 no Nordeste, pois se configura em um período que revela como característica preponderante a denúncia social. Metodologicamente, será adotada a pesquisa de caráter qualitativo, por meio dos estudos comparativos, visto que serão analisadas duas obras. Para os fundamentos teóricos, recorreremos aos estudos de Calegari e Haiski (2012), Beth Brait (1985), Bosi (2015), e Eduardo Portella et al (1983) entre outros. O interesse por essa temática surgiu em uma disciplina de literatura brasileira que nos motivou a perceber algumas semelhanças entre as obras, principalmente, no que tange às personagens de Fabiano e de Chico Bento que vivem em um ambiente hostil e castigado pela seca. Por essa razão, emergiu o desejo em aprofundar, a partir da análise, essas semelhanças. Também abordamos os aspectos políticos adotados por cada escritor e como isso influenciou em suas escritas. Desejamos que esta pesquisa contribua com as discussões realizadas na academia e possa proporcionar aos leitores a ideia de que a literatura comparada tem muito a oferecer aos estudos literários e às diversas áreas de conhecimento humano, sobretudo, por demonstrar que as obras podem cumprir o propósito comunicativo de ser um canal em que as denúncias sociais sejam disseminadas, considerando os problemas vivenciados pelos menos favorecidos. Em suma, podemos destacar que pesquisas desta natureza poderão promover um olhar mais apurado sobre a realidade dos grupos inferiores por meio da arte. Os resultados demonstram que as obras literárias podem ser importantes instrumentos de denúncias sobre injustiças sociais.

Palavras-chave: Exclusão Social. Romance de trinta. Política. Fabiano. Chico Bento.

ABSTRACT

The main focus of the present work is to analyze comparatively two works of Brazilian literature, namely: *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, and *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos. For this, we selected two characters: Fabiano and Chico Bento, who suffer from social exclusion, violence, misery, death, migration, and drought. In this sense, we propose to observe how the authors build these characters and how the narratives expose the social reality in which they are inserted. In addition, the investigation will analyze the impacts of the Thirties Novels in the Northeast, as it takes place in a period that reveals social denunciation as a predominant characteristic. Methodologically, qualitative research will be adopted, through comparative studies, since two works will be analyzed. For the theoretical foundations, we turn to the studies of Calegari and Haiski (2012), Beth Brait (1985), Bosi (2015), Eduardo Portella et al (1983) among others. The interest in this theme arose in a discipline of Brazilian literature that motivated us to perceive some similarities between the works, mainly, about the characters of Fabiano and Chico Bento who live in a hostile environment and are punished by drought. For this reason, the desire to deepen, from the analysis, these similarities emerged. We also cover the political aspects adopted by each writer and how they influenced his writings. We hope that this research contributes to the discussions held in the academy and can provide readers with the idea that comparative literature has a lot to offer to literary studies and different areas of human knowledge, above all, by demonstrating that the works can fulfill the communicative purpose to be a channel in which social complaints are disseminated, considering the problems experienced by the least favored. In short, we can highlight that research of this nature can promote a more accurate look at the reality of the lower groups through art. The results demonstrate that literary works can be important tools for denouncing social injustices.

Keywords: Social Exclusion. Thirties Novels. Politics. Fabiano. Chico Bento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O ROMANCE DE 30 E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O NORDESTE.....	13
2.1 O movimento modernista e a prosa de 1930.....	13
2.2 Ecos da geração de 30: influências das tendências modernas em solo nordestino.....	14
3 RACHEL DE QUEIROZ E GRACILIANO RAMOS: PELAS VEREDAS DA POLÍTICA E DA LITERATURA.....	16
3.1 <i>O Quinze</i> : a denúncia da miséria nordestina.....	17
3.2 <i>Vidas Secas</i> : o sertão em gemidos.....	19
4 FABIANO E CHICO BENTO: PERSONAGENS EM EXCLUSÃO.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Brasileira teve o seu marco inicial com a colonização do Brasil na qual eram produzidos cartas e documentos descritivos sobre as terras brasileiras com o objetivo informar à corte o que os viajantes e missionários encontravam na nova colônia (BOSI, 2015). Passando pelo Barroco até o Arcadismo a Literatura Brasileira era baseada em uma literatura de colônia, será apenas no Romantismo que o Brasil passará a ter uma estética própria, produzida por autores brasileiros que viriam a se consagrar no cânone nacional. Um dos maiores nomes do Romantismo viria ser José de Alencar, cearense que contribuiu com livros que pertencem ao cânone nacional, como *Senhora*. Em seguida, teremos o período literário conhecido como o Realismo onde se destaca um dos maiores nomes da escrita nacional: Machado de Assis, sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* revela a genialidade de um autor singular e magistral.

Posteriormente, teremos o Naturalismo, onde a realidade era mostrada “nua e crua”. Aluísio de Azevedo nos prova isso em seu livro *O cortiço*, no qual as ações cotidianas são demonstradas com verossimilhança, além de abordar o primeiro romance homossexual da Literatura Brasileira; seguidamente teremos o Parnasianismo, um período literário que se preocupava com a estética e a forma, buscando uma linguagem rebuscada e culta; o Simbolismo, que tem Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens como destaque, sendo uma estética de forte presença da subjetividade e musicalidade.

Adiante, teremos o Pré-modernismo, que antecederá a semana de 22. Foi um período de transição entre os períodos literários do século XIX e o Modernismo trazendo inovação em comparação aos períodos anteriores. Os autores que se destacam são Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha, Augusto dos Anjos dentre outros. Em seguida, vem o Modernismo que é dividido em três fases: primeira fase tinha como característica o movimento antropofágico e aspirava mostrar a figura do herói. Os autores que se destacam nessa fase são Mário de Andrade, Manuel Bandeira Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado dentre outros; a segunda fase, no qual nosso trabalho está incluso, é conhecida como Romance de 30 ou Neorrealismo e traz nomes importantes para o cânone nacional, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, dentre outros.

Esses autores buscavam, em suas obras, voltar o olhar para as regiões onde estavam inseridos a fim de denunciar os dominantes da época e dar voz aos dominados; a terceira fase traz nomes importantes, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. E, por fim, o Pós-Modernismo, que é marcado pelas tendências contemporâneas.

Como uma relevante fase da Literatura nacional, temos o Segundo Momento do Modernismo, que vai de 1930 a 1945, que é mais conhecido como Romance de 30 ou Romance Regionalista de 30. Uma importante característica desse período trata-se do fato das narrativas apresentarem temáticas preocupadas com os problemas sociais.

É com base nesse período que em nossa pesquisa faremos uma abordagem comparativa entre duas narrativas literárias brasileiras, a saber: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; tendo como foco as personagens Chico Bento e Fabiano, que sofrem com a seca, a exclusão social, a violência, a miséria, a morte e a migração.

Torna-se importante ressaltar as afinidades entre as personagens de ambas as obras, o que nos permite lançar mão do estudo comparativo como uma estratégia de análise, com a finalidade de discutirmos esses pontos em comum e compreendermos importantes questões.

Desse modo, a Literatura Comparada, linha de pesquisa adotada em nossa pesquisa, teve o seu início na Europa, como disciplina da Universidade de Lyon, na França. Por se caracterizar como multidisciplinar, essa área da literatura possui abrangência, pois ultrapassa a comparação de obras. Nesse sentido, podem ser comparadas obras nacionais, seguindo a linha mais tradicional, como também obras internacionais. A literatura comparada vai além da intertextualidade entre obras literárias, tendo em vista que ela dialoga com as artes plásticas, comunicação, e até mesmo campos da filosofia e sociologia (UNBCIÊNCIA, 2019).

Reconhecendo a relevância dessa vertente da literatura, o presente trabalho objetiva proceder a análise comparativa de duas narrativas literárias brasileiras, a saber: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; tendo como foco as personagens Chico Bento e Fabiano, que sofrem com a seca, a exclusão social, a violência, a miséria, a morte e a migração. O interesse em trabalhar com a Literatura Comparada surgiu através da disciplina Literatura Brasileira III, disciplina obrigatória do quinto período do curso, na qual tivemos que

apresentar por meio de seminários algumas obras da segunda fase do Modernismo no Brasil conhecido como Romance de 30 ou Romance Regionalista de 30.

A metodologia adotada para o presente trabalho é de caráter qualitativo, por meio comparativo, tendo em vista que serão analisadas duas obras literárias. A priori serão lidos os textos selecionados que colaboram com o assunto a ser abordado a saber Brait (1985), Bosi (2015), Candido et al (1968), Calegari e Haiski (2012) entre outros. Após as leituras realizadas, serão extraídos os textos que melhor se enquadram na nossa linha de pesquisa junto com as leituras das obras literárias selecionadas para a efetivação deste trabalho.

Desse modo, para se alcançar os objetivos propostos, faz-se necessária a busca por elementos intrínsecos às narrativas em questão, procurando fazer uma análise minuciosa de um número relevante de textos dos autores em estudo, concentrando a atenção nos elementos que configuram o discurso literário, mas também não se pode perder de vista nem prescindir dos elementos extrínsecos aos textos que servirão de objeto do estudo.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos e organizado da seguinte forma: o capítulo um se trata desta seção; no capítulo dois buscamos apresentar o movimento modernista no que se refere a sua segunda geração que ocorrerá na década de 30, dando ênfase para a região Nordeste e a sua prosa, pois as obras analisadas neste trabalho pertencem a autores nordestinos que buscavam mostrar a realidade social da sua região por meio do homem sertanejo.

No primeiro tópico buscamos contextualizar o Romance de 30 e sua característica predominante de denúncias e críticas sociais ao sistema, além da nova estética empregada nas obras dando abertura para regionalismos que aproximavam os escritos da linguagem popular. Apresentamos as obras de maiores destaques desse período.

Posteriormente, trouxemos as principais temáticas que estão presentes nas obras do Romance de 30 no Nordeste, porém enfatizando as obras que são objetos de estudo deste trabalho. Também tratamos sobre os principais autores que pertencem ao ciclo do Romance de 30 e que foram importantes tanto para a prosa nordestina quanto para a nacional; o capítulo três almeja fazer uma abordagem dos autores das obras e suas relações com a política e a literatura; o quatro aborda sobre a construção do personagem no romance e o cinco trata-se da análise principal do nosso trabalho, onde analisaremos a exclusão social enfrentada pelos

personagens Fabiano e Chico Bento em meio a um ambiente hostil marcado por desigualdades.

Aspiramos que esta pesquisa contribua com as discussões realizadas na academia e possa proporcionar aos leitores a ideia de que a literatura comparada tem muito a oferecer aos estudos literários e às diversas áreas de conhecimento humano, sobretudo, por demonstrar que as obras podem cumprir o propósito comunicativo de ser um canal em que as denúncias sociais sejam disseminadas, considerando os problemas vivenciados pelos menos favorecidos. Em suma, podemos destacar que pesquisas desta natureza poderão promover um olhar mais apurado sobre a realidade dos grupos inferiores por meio da arte.

2 O ROMANCE DE 30 E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O NORDESTE

O Romance de 30 trouxe à luz escritores preocupados em mostrar as desigualdades e injustiças sociais no país, sobretudo na região Nordeste, e tinha como objetivo “denunciar a realidade corrompida e degradada que se formou e que vai de encontro às intenções e aos desejos de um ideal de sociedade” (CALEGARI; HAISKI, 2012, pág. 59). Dessa forma, os autores das obras *O Quinze e Vidas Secas*, fizeram, através das suas narrativas, a denúncia dessa sociedade que era marcada pela miséria e degradação moral..

2.1 O movimento modernista e a prosa de 1930

O Segundo Momento do Modernismo Brasileiro, denominado Romance de 30 ou Neorrealismo, tinha como objetivo denunciar, através das suas narrativas, os problemas enfrentados cotidianamente pelas pessoas que estavam à margem da sociedade. No Nordeste, esse movimento literário reivindicava a ruptura ideológica com o sistema oligárquico que era vigente nessa região, criticando a sociedade pelas suas políticas que desfavoreciam os marginalizados. A Geração de 30 para Montenegro (1983, p. 18) “era mais do que uma denúncia, era um protesto, e um reflexo social da luta que começou a travar pelo resgate do Nordeste brasileiro e

pela integração de seus habitantes no panorama nacional”, contribuindo assim, para que o Nordeste tivesse visibilidade perante a sociedade brasileira que tinha como regiões principais o Sul e Sudeste.

Além de trazer essa revolução através da literatura, dando voz àqueles que não tinham os seus direitos ouvidos pelo poder dominante, o Romance de 30 causa uma mudança na forma, no estilo e na linguagem, segundo Bosi (2015, p. 443) “beneficiou-se da ‘descida’ à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos, que a prosa modernista tinha preparado”. Isto é, trazia nas narrativas a aproximação da escrita para a fala popular, empregando o uso dos regionalismos e dos neologismos nos textos literários que faziam parte dessa geração, contribuindo para que o leitor se aproximasse da realidade retratada nos romances.

O ciclo do Romance de 30 inicia-se de acordo com Bosi (2015) com a publicação do livro *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, segundo Montenegro (1983), uma obra de cunho social que abordava dois nordestes: um que retratava a seca que assolava a região e outro que apresentava a produção da cana-de-açúcar.

Outras obras partem desse ciclo e que merecem destaque são: *Menino do Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943) do José Lins do Rêgo, *João Miguel* (1932) Rachel de Queiroz, *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) do Graciliano Ramos, dentre outros. Este ciclo da Geração de 30 que começou em 1928 com *A Bagaceira* se encerra com a publicação da obra *Seara Vermelha* (1946) de Jorge Amado.

2.2 Ecos da geração de 30: influências das tendências modernas em solo nordestino

É importante frisar que os temas abordados no Romance de 30 eram retratados de acordo com a região em que os autores estavam inseridos. No Nordeste, tratava de assuntos como “seca, cangaço, fanatismo religioso, latifúndios e exploração do homem pelo homem” (MONTENEGRO, 1983, p. 13). Ou seja, temáticas que fazem, ou fizeram, parte do cotidiano do homem nordestino. A seca, que afetava diretamente os habitantes dessa região, trazendo como consequência miséria que, muitas vezes, resultou em um êxodo rural, já que as famílias se dirigiam

ao Sul procurando melhores condições de vida, foi um assunto bastante abordado nos romances. Também como consequência da seca ocorre a exploração do homem pelo homem. Grandes latifundiários se aproveitavam da parcela mais humilde da população para explorarem o seu trabalho dando em troca da sua mão de obra um teto e um prato de comida.

O cangaço também aparece nas obras literárias devido à figura emblemática de Lampião e seu bando, personagens que fizeram parte da história do povo nordestino e que se perpetua até os dias atuais. Do mesmo modo o fanatismo religioso está presente nas narrativas, pois os nordestinos eram conhecidos como uma população de fé que se voltava para as suas crenças como um meio de escape da realidade que lhes afligiam.

Os autores que fizeram parte do Romance de 30 no nordeste são, de acordo com Eduardo Portella (1983, p. 22) “Amando Fontes, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Jorge de Lima, José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo, Luiz Jardim, Rachel de Queiroz, e tantos outros”. Escritores que usaram a oportunidade e a visibilidade que tinham no âmbito regional e nacional para dar voz aos que não tinham essa oportunidade.

Em nossa pesquisa daremos ênfase, no próximo capítulo, a duas importantes obras que fazem parte desse ciclo, a saber: *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Aquele retrata a seca que afetou o Ceará no ano de 1915 e as consequências que a estiagem trouxe para a população cearense. Assim como os outros livros que fazem parte da Geração de 30, *O Quinze* aborda questões de cunho social onde o personagem que sofre diretamente com a falta de políticas sociais é o Chico Bento e sua família que, após sofrer com a seca, com a fome, a morte, a miséria, parte para o Sul em busca de melhorias de vida para ele e sua família. Já este também retrata a questão da seca, mas que assola o interior do Alagoas e afeta Fabiano e sua família. O personagem principal é um homem sertanejo que, juntamente com a sua família, se alojam em uma fazenda e começam a trabalhar para o proprietário do lugar. *Em Vidas Secas*, Graciliano Ramos critica veemente o tratamento do Estado, representado por um Soldado Amarelo, com a população mais humilde. Além disso, denuncia a exploração do homem pelo homem no episódio em Fabiano questiona o seu patrão a respeito do seu salário e o seu empregador não concorda em lhe remunerar com o que de fato lhe é de direito. Apesar da consciência que o valor estava incorreto, Fabiano resolve

não enfrentar o seu patrão pelo fato de se achar inferior, já que não possuía escolaridade e era um simples homem da terra, e acaba acatando a decisão tomada pelo seu superior. Segundo Montenegro (1983), Fabiano é um homem que já nasce condenado a lidar com as dificuldades que são impostas a ele e vive a procura de um ambiente menos hostil para viver juntamente com a sua família. Ou seja, a fuga para outro ambiente com melhores condições socioeconômicas ocorre em ambas as obras, pois os dois personagens que sofrem com o contexto social em que estão inseridos partem com destino a outros lugares na expectativa de mudança de vida

Nesse sentido, percebemos a importância de ter autores que voltam o olhar para a sua região e escrevem a respeito da realidade do seu povo e criticam diretamente a sociedade dominante e seus governantes pela forma que os marginalizados eram tratados, isso nos mostra, como afirma Josué Montello (1983), que o Romance de 30 foi uma geração que se impôs e usou das suas narrativas para testemunhar os sofrimentos e denunciar as negligências que afetaram a vida de milhares de pessoas. Mostra que além de ter que sobreviver a condições naturais como a seca, teve que lidar com um governo que não desenvolvia melhores condições de políticas públicas e que valorizava apenas os grandes senhores de terras, enquanto os trabalhadores tinham que se empenhar para poder sustentar a sua família com o pouco que ganhavam. Pessoas que não tinham tempo para reivindicar os seus direitos e, muitas das vezes, nem sabiam como fazê-lo. Portanto, testemunhar, denunciar, criticar essa realidade em obras que se consagraram nacionalmente foi, e continua sendo, importante e necessário.

3 RACHEL DE QUEIROZ E GRACILIANO RAMOS: PELAS VEREDAS DA POLÍTICA E DA LITERATURA

Em fevereiro de 1922, acontecia em São Paulo a Semana de Arte Moderna, evento que tinha como objetivo apresentar os novos conceitos de arte que já vigoravam na Europa causando impacto e renovação nos artistas e, conseqüentemente, em como eles viam a literatura, a escultura, a arquitetura, a música e a pintura, traçando assim uma nova estética que vigoraria no Brasil. Segundo Bosi (2015, p. 377):

Paralelamente às obras e nascendo com o desejo de explicá-las e justificá-las, os modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que iam delimitando subgrupos, de início apenas estéticos, mas logo portadores de matizes ideológicos mais ou menos preciso.

Dentre as estéticas que podemos apontar e que são comentadas por Bosi (2015) estão presentes a *futurista* que se apresentaria com um caráter estético mais moderno, a *primitivista* que ainda permanecia com um viés romântico e o *surrealismo* e o *expressionismo* que teriam o viés estético do ultrarromantismo radical presente no século XX.

Em meio a esse contexto, em março do mesmo ano, seria fundado no país o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que aspirava revolucionar o setor trabalhista e promover uma mudança do sistema capitalista para o sistema socialista. Além disso, desejava também, segundo Feiber (2012), transformar a “fragilidade das alianças da classe dominante que ainda não era capaz de abrir espaço para uma participação sócio-econômica [sic] da pequena burguesia” (p.285). Ou seja, mesmo após greves trabalhistas que ocorriam pelo Brasil e reivindicavam melhorias de salários e condições de trabalho, havia resistência do poder dominante sobre o trabalhador brasileiro e seria necessária, além de sindicatos, a fundação de um partido que lutasse pelas causas do proletariado dando a eles voz. Alguns intelectuais da Geração de 30 viriam a filiar-se ao PCB e, através das suas obras, levantariam questões que dialogavam com as suas ideologias e transformavam os livros em veículos de crítica ao sistema. Entre eles, ressaltamos três nomes importantes dessa Geração e que pertence ao cânone nacional, sendo eles: Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz.

3.1 O *Quinze*: a denúncia da miséria nordestina

Em *O Quinze*, Rachel de Queiroz denuncia um governo que segundo a fala do personagem Chico Bento “não ajuda nem a morrer” (QUEIROZ, 1972, p.30). A autora vai expondo, assim, a negligência de como o poder dominante tratava a população. Na obra, Rachel busca demonstrar, através do personagem Chico Bento, um vaqueiro que devido a seca acaba perdendo o seu emprego e decide migrar para uma outra região, como ocorre a relação entre dominantes e dominados, retratados, às vezes, com a nomenclatura de opressores versus oprimidos,

mostrando a realidade de fazendeiros e o tratamento que eles tinham com os seus empregados. Outro ponto que podemos destacar na obra é o campo de concentração criado pelo governo no qual os retirantes seriam abrigados para poder sobreviver à fome provocada pela estiagem. No livro, o narrador retrata o “campo de concentração” como um curral de arame, sendo um ambiente hostil e que demonstra, assim, o descaso com a população, nesse caso, sem alimentação adequada e o mínimo de conforto.

O *Quinze* é uma obra que mostra as mazelas de uma sociedade que sofria com a falta de políticas públicas e que, pelo seu lançamento em 1930, foi, em 1931, “premiado como melhor romance do ano no primeiro evento promovido pela Fundação Graça Aranha, com sede no Rio de Janeiro” (GUERELLUS, 2016, p. 217) e, posteriormente, seria considerada a obra mais famosa da autora.

Embora tivesse ganhado prêmio pelo livro e também começado a escrever em periódicos, no ano seguinte ocorreria no Brasil a Revolução de 30 e a perseguição aos Comunistas. Um golpe que acarretaria na implantação do Estado Novo e conseqüentemente da Ditadura Vargas e é durante esse governo que Rachel de Queiroz teria algumas passagens pela prisão com a acusação de envolvimento com partidos de esquerda.

Foi o romance *João Miguel* (1932) que acarretou no rompimento de Rachel de Queiroz com o PCB, pois foi solicitado pelos diretores do partido que a autora fizesse alterações na obra alegando que a narrativa apresentava um conteúdo burguês, mas Rachel de Queiroz não aceitou e rompeu com o partido na Ditadura Vargas filiando-se a Oposição da Esquerda Trotskista¹ e fazendo com que Rachel de Queiroz criticasse cada vez mais o Partido Comunista. Outro livro da escritora que viria a ser polêmico foi *Caminho de Pedras* (1937) sendo censurado e queimado publicamente, fazendo a escritora adotar uma postura anti-varguista.

Passado a Ditadura Vargas, de ter se filiado ao PCB, feito parte do Trotskismo, Rachel de Queiroz agora trilharia pelo viés conservador representado naquele momento pelo udenismo². Foi convidada por Jânio Quadros, o então Presidente da República, para ser Ministra da Educação, mas recusou prontamente ao cargo, pois não se considerava uma mulher para exercer papéis públicos. (GUERELLUS, 2016).

¹ Grupo de esquerda com ideologias Marxistas inspiradas em Leon Trótsky.

² Partido União Democrata Nacional (UDN).

Em 1964, na fazenda Não Me Deixes, Rachel de Queiroz recebe a notícia, através das ondas da rádio, sobre o golpe comandado pelo General Castelo Branco que daria início à Ditadura Militar no Brasil e, segundo Mendes (2017, p.32), “a escritora continuou apoiando abertamente a ditadura, mesmo depois de diversas medidas autoritárias e denúncias de prisões arbitrárias, mortes e torturas.” Um dos motivos do seu apoio ao Golpe de 64 foi que na época quem presidia o Brasil era Joao Goulart (Jango), o mesmo teria sido vice-presidente na Era Vargas e Rachel de Queiroz era claramente anti-Vargas.

A sua relação com direita vai refletir em seu trabalho como escritora quando passa a produzir juntamente com Nilda Bethlem livros didáticos que “integrava a coleção *Didática dinâmica* e fazia parte da série *Educação moral e cívica – 1º Grau*, organizada em parceria com o MEC” (MENDES, 2017, p.78) A disciplina Educação Moral e Cívica que eram ministradas em colégios militares e os livros eram produzidos e publicados pela José Olympio Editora que foi responsável pela publicação de *O Quinze* (1930).

Percebemos, portanto, como a política influenciou nos escritos da Rachel de Queiroz. A escritora ganha destaque com o seu grande sucesso *O Quinze* (1930) que apresenta uma postura de apoio ao proletariado dialogando assim com os ideais Comunistas e finda como uma autora de livros para o governo que implantou a Ditadura Militar no Brasil. Demonstrando assim que a política e a literatura caminhavam juntas na sua vida, uma influenciando o outro. A literatura sendo um veículo dos seus ideais políticos. Em 1977 é eleita a primeira mulher a pertencer a Academia Brasileira de Letras (ABL) ocupando a cadeira de número 5.

3.2 *Vidas Secas*: o sertão em gemidos

Outro intelectual da Geração de 30 que dialogaria com o Comunismo seria o alagoano Graciliano Ramos. Apesar de se filiar ao PCB somente em 1945, o escritor traria em suas obras críticas sociais e denúncias ao governo vigente, pois já teria visões libertárias. Em *Vidas Secas* (1938) a representação desse governo era retratada pelo personagem Soldado Amarelo.

A sua primeira publicação literária, e que faria parte do Romance de 30, viria a ser *Caetés* (1933), uma obra que abordaria as questões do homem que trabalharia em prol de lidar com seus instintos. Trata-se também de um romance com

características do antropofagismo com a metáfora do índio Caeté e o canibalismo contra o Bispo Sardinha.

Posteriormente, os livros que viriam a consagrar Graciliano Ramos no cânone nacional seriam *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). *Angústia* se trata de uma obra que tem como personagem principal Luís da Silva que representa o trabalhador que é explorado pela sociedade. *Vidas Secas* viria a ser um romance que abordaria questões do homem sertanejo e como ele se submeteria à questões de exploração para ter o mínimo para viver em meio a um ambiente de segregação e seca. Além de criticar o governo por meio dos episódios em que o personagem Fabiano era preso, demonstrando a sua negligência e autoritarismo perante o trabalhador que estava à margem.

Fabiano, personagem principal da narrativa de *Vidas Secas* (1938), era um homem que devido a sua condição de miséria, duvidava da sua capacidade quanto a ser humano. Afirmava que era um homem, mas logo se dava conta de sua condição e ele retificava “Fabiano, você é um bicho” (RAMOS, 2010, p.19). Não possuía nada, a não ser a vontade de sobreviver à seca e não morrer de fome.

Graciliano Ramos teve diversas publicações, mas seria *Memórias do Cárcere* (1953) e *Viagem* (1954) que o autor relataria sobre os seus momentos de prisão na Era Vargas - sem acusação plausível – e sobre viagens que ele realizou, sendo uma delas à União Soviética e sua admiração por Stálin. Ambas as obras desagradaram ao PCB. *Memórias do Cárcere* (1953), apesar de ser uma obra póstuma, trouxe complicações para o autor, pois não tratava os personagens dos livros como heróis, mas mostrava seres humanos com suas virtudes e defeitos. Uma escrita crua que foi malvista pelos dirigentes do partido que queriam que os personagens fossem retratados de forma ficcional e colocados como heróis.

Graciliano foi filiado ao PCB até a sua morte em março de 1953. Apesar de ser amante da política o especialista Denis de Moraes no jornal O Globo afirma que o escritor não “reduziria a literatura apenas a ideologias políticas”.³ Mesmo tendo obras que criticam o sistema e defende o oprimido, Graciliano não concordava em usar a literatura como porta-voz de partidos políticos. Ainda que o autor preservasse a sua autonomia literária, Graciliano através de suas obras demonstra que a escrita

³

Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/autor-de-vidas-secas-graciliano-ramos-foi-preso-por-vargas-na-ilha-grande-22474867#ixzz6sCqXAAnf> com o título “Literatura e Política”. Acesso em: 14 de mar. 2021.

é um importante veículo político no sentido de promover denúncias, debates e provocações ao leitor.

4 FABIANO E CHICO BENTO: PERSONAGENS EM EXCLUSÃO

As obras *O Quinze* e *Vidas Secas* fazem parte da segunda geração do Modernismo brasileiro, conhecida como Romance de 30. Como já citado, essa geração retrata em suas obras denúncias sociais ao sistema vigente. Nessas narrativas podemos perceber essas críticas através da exclusão social sofrida pelos personagens Fabiano e Chico Bento. Essa exclusão acontece em um contexto de seca, fome e morte. Nesta seção, abordaremos o perfil dos personagens e essas questões sociais que fazem de Fabiano e Chico Bento pessoas à margem da sociedade.

No que concerne às características dos personagens, Fabiano e Chico Bento podem ser considerados personagens planos, que de acordo com Brait (1985, p. 40-41) “geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor.” Ou seja, do início ao fim da narrativa permanecem com as mesmas características e comportamentos, no que tange aos personagens sempre apresentam comportamentos submissos a qualquer figura de autoridade. Envolto pela exclusão os personagens intensificam esses atributos pelo fato de na obra *Vidas Secas*, Fabiano, apesar de ser visto com admiração pelos seus filhos, se percebia como um homem miserável que não sabia se comunicar com as pessoas e sem perspectiva de vida, ao ponto de afirmar para si: “Você é um bicho, Fabiano. [...] Um vagabundo castigado pela seca.” (RAMOS, 2010, p. 19).

Do mesmo modo o personagem Chico Bento constantemente transparece postura e comportamento de inferioridade Segundo as características expostas pelo narrador, Chico Bento anda sempre curvado e cabisbaixo, ostentando culpa por ser um retirante castigado pela seca. Em um episódio em que seu outro filho desaparece, a sua esposa diz: “Talvez fosse até para a felicidade do menino. Onde poderia estar em maior desgraça que ficando com o pai?” (QUEIROZ, 2002, p. 85).

Na sua percepção e na dos outros, era um desgraçado, um miserável que até a sua própria terra o castigava.

Ambos os personagens caracterizam-se como planos por esses fatores, pois ao logo de toda a narrativa eles permanecem estáticos em sua conduta, em sua personalidade e temperamentos.

Ao tratarmos de exclusão, precisamos relembrar o conceito dessa palavra. De acordo com o dicionário Aurélio, “exclusão” é um substantivo feminino que denota efeito ou ato de “*excluir, segregar, deixar de fora.*” Para Vêras (2001 p. 27), “desde os tempos coloniais, portanto, ao Brasil do Império, ao das Repúblicas - velha, nova e contemporânea - e agravado durante a ditadura militar, processos sociais excludentes estão presentes em nossa história.” Ou seja, essa exclusão se configura como um problema estrutural em nosso país onde naturaliza-se as desigualdades sociais, promovendo a exclusão de pobres. Ao praticar a ação de excluir alguém não estamos dando a oportunidade dessa pessoa ter os seus valores reconhecidos. Excluímos os saberes de mundo, as vivências que cada indivíduo traz consigo como se a sua trajetória fosse apagada por não interessar àqueles que pertencem à classe dominante (WANDERLEY, 2001).

Nas narrativas de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos analisadas no presente trabalho, o poder dominante encontra-se simbolizado a partir da representação do governo. Podemos constatar nas falas dos personagens, críticas ao Estado, que são representados, em *O Quinze*, a exemplo de um funcionário público corrupto e vendedor de passagens. Quando Chico Bento, devido à seca, planeja a sua migração para o Amazonas, compra passagens de trem para ele e sua família. Porém, ao chegar lá, se depara com um vendedor de passagens o qual informa que não há mais *tickets*, pois já havia vendido a pessoas mais abastadas, e o personagem explica, por conseguinte, que não tem como ir a pé até o destino desejado, pois seus filhos poderiam não aguentar. Ocorre, então, o primeiro caso de exclusão, exposto na seguinte passagem: “Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem pra nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser.” (QUEIROZ, 2002, p. 30). Chico Bento possuía o dinheiro das passagens, contudo, o que ocorre é que o vendedor estava ofertando apenas a quem pagasse uma maior quantia por elas, ou seja, tratava-se de ato puramente corrupto e ganancioso, burlando as leis de equidade prezadas pelo Estado.

É por causa desse episódio que ocorre a primeira crítica explícita ao governo. O personagem Chico Bento, indignado com o ocorrido, pois não foi concedida a venda das passagens que deveriam lhe ser fornecidas por direito apenas porque era um retirante de condição pobre, exclama: “Desgraçado! quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda aos pobres... Não ajuda nem a morrer!” (QUEIROZ, 2002, p. 30). Nessa fala, o personagem evidencia, a partir de sua condição social, sua desesperança com o governo. A constatação de não possuir o direito nem ao menos à morte diante de uma vida desgraçada denuncia o seu sofrimento ao se perceber à margem e sem condições básicas de sobrevivência.

Já em *Vida Secas*, a representação do governo será por meio do Soldado Amarelo. Esse personagem é tão importante na narrativa que há um capítulo dedicado somente a ele, chamado “Cadeia”. Fabiano, após jogar com o Soldado Amarelo e se preparar para ir embora, acaba sendo preso sem motivo algum pelo policial, demonstrando, assim, o autoritarismo retratado na obra. Fabiano não havia feito nada, não brigara, não insultara. Pelo contrário, para ele, a autoridade tinha que ser respeitada. Ele se sentia tão inferior que chegou a afirmar que “Apanhar do governo não é desfeita.” (RAMOS, 2010, p. 33). A afirmação de Fabiano demonstra não o respeito às figuras de autoridade, mas evidencia a naturalização do autoritarismo do governo, sobretudo, no que se refere ao seu tratamento aos mais pobres. Cabe-nos indagar: por que Fabiano silenciou embora tenha sentido em seu âmago o amargo da injustiça sofrida? Sua inferioridade se protagoniza pelo seu silenciamento. Fabiano jamais desrespeitaria uma autoridade, mas, em seu íntimo, queria denunciar aquele absurdo, “queria berrar para a cidade inteira, afirmar ao doutor juiz de direito, ao delegado, a seu vigário e aos cobradores de impostos que ali dentro ninguém prestava”. (RAMOS, 2010, p. 36). Ou seja, o governo - representado pela figura policial - que tinha como uma das principais funções proteger e cuidar da população, acabou sendo negligente quando violentava e prendia as pessoas de bem sem um justo motivo, excluindo do cidadão o seu direito de defesa. Mas em se tratando dos mais pobres, a justiça pode ser injusta?

Em ambas as obras também evidenciam a exclusão devido à submissão dos personagens perante qualquer figura de autoridade. Vimos como Chico Bento e Fabiano se comportam diante das atitudes do governo, este representado, principalmente, por funcionários públicos corruptos e desleais. É perceptível que, perante as figuras de poderosos, os personagens se sentem inferiorizados e

excluídos, pois não possuíram nem ao menos educação para poder contestar qualquer tipo de dominação causada por esses dominadores.

Dominadores que não somente representam as figuras do governo, mas também quem o “patrocina”, a exemplo, na época retratada nas narrativas, de grandes latifundiários. Em *O Quinze*, o senhor de terra aparecerá quando Chico Bento, depois de dias andando a pé com a sua família (após o rejeite do vendedor de passagens de trem), sai junto com o seu filho para procurar alimento e encontra uma cabra. Tomado pela fome que castigava a si e sua prole, Chico Bento mata o animal. Porém, aparece o dono da cabra e começa a insultá-lo. Em nenhum momento o dono do animal compreende que se tratava de um pai de família que estava morrendo de fome e tentando socorrer seus próximos. Chico Bento, em posição inferior, como sempre estivera na vida, desabafa:

- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...
- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! (QUEIROZ, 2002, p. 66).

Observamos que, embora Chico Bento, em posição humilhante, se justificasse do que ocorreu, o homem se mostrava irrepreensível. Para ele, valia mais a vida de um animal que futuramente lhe daria lucros à vida de uma família faminta que sofria castigada pela seca e pela fome. Nesse caso, Chico Bento e sua família foram privados do básico que qualquer ser humano necessita: uma refeição. A cena fica mais humilhante quando o dono do animal joga para Chico Bento as tripas do animal, como se estivesse lhe fazendo um favor.

Em *Vidas Secas* ocorrerá a mesma situação de inferioridade e submissão, agora vivida pelo personagem Fabiano. O personagem que utilizará de sua superioridade e esperteza será o seu patrão, retratado por Fabiano como um homem que “só queria mostrar autoridade, gritar que era dono”. (RAMOS, 2010, p. 23). O fato ocorre quando Fabiano, junto com a sua esposa Sinhá Vitória, faz cálculos e vai até a cidade prestar contas com o patrão. Logo ele percebe que há algo, pois o valor pago pelo patrão não correspondia às contas feitas por ele e sua esposa. Fabiano ainda tem a ação de questionar o ocorrido, mas logo é repreendido:

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado, atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. (RAMOS, 2010, p. 94-95).

Ou seja, mesmo sabendo que estava certo, Fabiano se coloca numa posição de inferioridade pelos simples fato de o patrão ser rico e abastado, passando, assim, uma imagem de autoridade a qual, mesmo errado, sua decisão final era a que valia.

Segundo Calegari e Haiski (2012, p. 60-61), Fabiano e Chico Bento são tomados por um sentimento que amedronta e causa uma sensação de impotência “[...] diante do Estado – representado aqui pelas autoridades – que usa e abusa do poder, achando-se no direito de reprimir e oprimir.” Isto é, eles são personagens que estão à margem da sociedade e não conseguem se posicionar diante das posturas adotadas pelo governo e pelos senhores de terra, tomando para si um papel de homens miseráveis, sem instrução e direitos, castigados pela seca e pela falta de recursos.

Por fim, após demonstrarmos as relações de Chico Bento e Fabiano com o governo e com sujeitos de autoridade, retrataremos como o ambiente em que estão inseridos os faz ter essa imagem distorcida de si mesmos.

Na obra *O Quinze*, Chico Bento é um personagem que vive em um ambiente hostil castigado pela seca. A estiagem precede a fome, o que leva o personagem a tomar atitudes drásticas para sobrevivência. A primeira ação é sair da sua localidade e migrar para outra região em busca de melhores condições. No meio do percurso, juntamente com a sua família, Chico Bento enfrenta situações como a escassez de alimento e a morte. Seu filho mais velho, Josias, em um momento de extrema fome come uma raiz de mandioca braba crua, acabando por se envenenar com as toxinas dessa leguminosa, vindo a falecer. Essa mesma fome faz Chico Bento matar um animal que não era seu, como já citamos anteriormente, levando o personagem a ser humilhado por outro pelo fato de ter fome e querer saciá-la.

Na narrativa de *Vidas Secas*, Fabiano já inicia a sua trajetória como um retirante até encontrar uma fazenda. Tanto Fabiano, quanto Chico Bento, em suas trajetórias, foram castigados pela seca. Fabiano sofrerá com esta, resultando em miséria e morte. O fato da seca em si aparecerá no início e no final da narrativa graciliana, mas a miséria é presente em todo o enredo, não somente pelo fato da seca, mas também pela questão social. Como afirmam Calegari e Haiski (2012, p.

61), “a pobreza aí observada deve-se, também, à estrutura social vigente, em que somente alguns – os latifundiários – possuem recursos técnicos e financeiros para se prevenirem contra a seca.”.

Ao contrário de Chico Bento, nós não sabemos de onde Fabiano é oriundo. O narrador já começa a história como um retirante. A morte que marca a obra e a vida de todos os personagens é a da cachorra Baleia, sacrificada pelo seu próprio dono. Apesar de ser apenas um animal, é essa personagem que mais traz características de humanização na obra e revela admiração e amor pelos seus donos.

Podemos observar, também, que, nas duas obras, ocorre uma migração forçada. Não é possível viver em um ambiente sem as condições básicas de vida necessárias. Chico Bento e sua família, com a ajuda de Conceição, partem para São Paulo com a pretensão de conseguir trabalho e mudar de patamar. Já Fabiano e a sua família saem sem destino certo. Apenas é narrado que eles partem em sentido ao sul, seguindo as aves, para encontrar um lugar onde a seca e exclusão não os castigassem ainda mais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo primordial elaborar um estudo comparativo entre os personagens Fabiano e Chico Bento das obras *O Quinze* e *Vidas Secas* no que concerne à exclusão social sofrida pelos personagens em ambas as obras. Além disso, buscamos evidenciar como eles sofreram com a fome, a morte, a violência e a migração todas oriundas da seca que assolava a sua região. Notamos que o Romance de 30 utilizou-se da sua prosa para denúncias sociais ao comportamento do Estado perante os marginalizados, retratados nos romances nordestinos pelo homem sertanejo. Descobrimos que o viés político dos autores foi um importante fator para essas denúncias tão imprescindíveis ao Estado.

Durante a pesquisa, percebemos que a exclusão social se dá por meio de um governo autoritário, excludente e corrupto; através de figuras de autoridade representadas pelos latifundiários, além permanecer em um ambiente hostil. Fabiano e Chico Bento foram construídos pelos autores como personagens planos, pois em toda a narrativa se apresentam subestimados e inferiorizados. Sem voz. Sem atitude. Sem valor. Sem reconhecimento. Tomados por medos e inseguranças resultados de uma vida inteira de submissão e opressão.

Desse modo, tendo conhecimento de como as narrativas podem ser porta-voz dos oprimidos, aspiramos que o exercício dessa pesquisa contribua para a valorização de obras que abordem questões sociais e que demonstrem como a literatura pode ser um agente denunciativo contra injustiças advindas dos detentores de poder.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Ed.50. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CALEGARI, L. C; HAISKI, V.A. A perspectiva crítica em Rachel de Queiroz e em Graciliano Ramos. **Revista de Letras Dom Alberto**, Santa Maria – RS, v.1, n.2, p. 58-69, ago/dez.2012.

FEIBER, Cristina Gabriela. O partido Comunista Brasileiro de 1922: seus antecedentes de sua formação. **Revista Latino-Americana de História**. Rio do Sinos, v. 1, n. 3, p.276-286, mar. 2018

GUERELLUS, Nátalia de Santana. RACHEL DE QUEIROZ POLÍTICA: uma escrita entre direitas e esquerdas no Brasil (1910-1964). **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG. v. 29, n.1, p. 211-236. Jan./Jun. 2016.

MENDES, Fernanda Coelho. **A "fiadora do governo": as crônicas de Rachel de Queiroz na revista O cruzeiro (1960-1975)**. 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MONTELLO, Josué. Revisão do Romance Nordeste de 30. *In*: PORTELLA, Eduardo *et al* (org.) **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, PROED, 1983. p. 13-18.

MONTENEGRO, Pedro Paulo. O romance de 30 no Nordeste. *In*: PORTELLA, Eduardo *et al* (org.) **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, PROED, 1983. p. 27-30.

PORTELLA, Eduardo *et al*. Literatura e Revolução em 30. *In*: PORTELLA, Eduardo *et al* (org.). **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, PROED, 1983. p. 21-26.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. Ed.72. São Paulo: Arx, 2002.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Ed.114. Rio de Janeiro: Record, 2010.

UNBCIÊNCIA. **Desvendando o campo da literatura comparada**. Brasília – DF, 10 de jul. de 2019. Disponível em: <
<https://www.unbciencia.unb.br/artes-e-letras/107-letras/614-desvelando-o-campo-da-literatura-comparada>> Acesso em: 30 set. de 2020.

VÊRAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social – um problema de 500 anos. *In*: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Ed. 2º.Petropolis: Editora Vozes, 2001.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. *In*: SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Ed. 2ª. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.